



Bebeta: mulher e cisterneira no Cariri cearense

Francisca Sufia de Lima Santos, conhecida de todos por Bebeta, 60 anos de idade, é natural de Salitre, no Ceará. Ela estudou até a 5ª série. Dona Bebeta casou-se aos 20 anos e teve quatro filhos, o casamento não prosperou, sem perceber repetia a mesma sina de sua mãe, mas ela não fraquejou, enfrentou sozinha. Cada raio de sol levantava cedo, fazia seu café, olhava para as crianças dormindo e pedia a Deus coragem para encarar mais um dia. A rotina de dona Bebeta era de muito trabalho. “Eu pensava: não posso fraquejar, não tenho ninguém por mim, tenho 4 filhos pra criar, só Deus é quem me ajuda. Se tenho Deus, tenho tudo.” Diz ela.

Dona Bebeta plantava no roçado perto de sua casa, mandioca, milho e feijão. Com o tempo começou a levar os filhos para ajudar, ficava até às 11 horas da manhã, depois voltava pra casa, fazia o almoço e, quando os filhos já estavam na escola, retornava para o roçado.

Mudando de vida

A dificuldade em ter água em casa era enorme, não tinha cacimba perto e ela tinha que percorrer um longo caminho, muitas vezes levava as crianças com ela.



Francisca Sufia de Lima Santos



Conseguiu sua cisterna de primeira água em 2002, a partir do Programa Um Milhão de Cisternas da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), implementado pela Associação Cristã de Base (ACB). Durante a construção da cisterna em sua casa, dona Bebeta ficou atenta, olhando, ajudando os pedreiros, surgia aí uma nova profissão e a sua paixão de vida: construir cisternas. “Quando eu era pequena, lembro que ajudava minha mãe a rebocar as paredes, pintar, mexer a massa para ajeitar a casa para renovação do santo”. Relembra dona Bebeta.

Em 2005, ela conseguiu fazer o curso de construção de cisterna pelo Instituto Flor do Piqui através da Articulação Semiárido Brasileiro, era a única mulher na turma. “Eles me olhavam de forma estranha, mas eu não baixava a cabeça”, ela diz. Concluiu o curso e começou a construir cisternas. “Não foi fácil não, tinha muito preconceito, as famílias pensavam que eu não ia dar conta, olhavam pra mim e diziam: ela veio para fazer a comida para os pedreiros?”. Ela diz.

Em 2006 e 2007, mais dois cursos aperfeiçoando a técnica. Dona Bebeta levava apenas 3 dias para construir uma cisterna de primeira água, deixava feita, pronta e instalada., Ela era a mestra e contava com a ajuda da família beneficiada. Sua fama foi tomando o sertão ela ficou conhecida como a primeira mulher cisterneira da região do Cariri.

Em parceria com o Instituto Flor do Piqui e Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), dona Bebeta esteve em várias cidades para dar forma ao sonho de agricultoras e agricultores do Semiárido. Em Salitre, construiu uma média de 20 cisternas, em Campo Sales construiu 27, em Araripe, mais 4, em Nova Olinda, 2 cisternas de primeira água. Ela foi ensinando o ofício aos irmãos que, como ela, desenvolviam a mesma atividade.

Dona Bebeta sempre acreditou em si e fez mais outro curso, desta vez para aprender a construir o fogão ecológico. Na localidade de Barreiros, construiu vários fogões ecológicos.

Atualmente, dona Bebeta mora com sua filha Margarida e seu neto, é aposentada e trabalha no roçado com agricultura familiar. “Tenho 60 anos, mas não sou de ficar parada, ainda tenho muita disposição, vou fazer mais cursos e voltar pra lida da construção, pois eu amo”, diz ela. A história de dona Bebeta é inspiradora e serve de alento para outras mulheres. O recado que ela deixa para as leitoras de sua história é: “Arregace as mangas e faça bem feito, tenha certeza que se um homem consegue fazer, a mulher também consegue. Não abaixe a cabeça e siga em frente, mesmo que as pessoas não acreditem em você.”